



SINOPSE SINTIUS

Informativo diário do Sindicato dos Urbanitários

05/10/2022

Disponível em nosso site: <https://sintius.org.br>



Oito de cada 10 famílias no Brasil está endividada, aponta CNC

O endividamento familiar tornou-se uma epidemia financeira no Brasil. Hoje, a cada 100 famílias no País, 79 estão endividadas, conforme levantamento mensal realizado pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC). A maior parte dessas dívidas não está atrelada a bancos, e sim a serviços em geral, como contas de luz, de telefone e de internet, carnês de loja e prestações de carro e casa.

O Brasil tem hoje mais de 67 milhões de pessoas inadimplentes, conforme dados divulgados pela Serasa em agosto. O valor dessas dívidas é superior a R\$ 289 bilhões - dos quais, 28% estão relacionados a pendências com bancos e cartões de crédito. A maior parte (72%) tem a ver com contas atrasadas de serviços em geral, como luz e telefone e carnês de loja.

Saiba mais em: A Tribuna, quarta-feira 05 de outubro.

Brasil deve crescer menos que a média da América Latina, diz Banco Mundial

O Brasil deve registrar neste ano um crescimento econômico abaixo da média dos vizinhos da América Latina e Caribe, segundo relatório do Banco Mundial publicado nesta terça-feira (4).

Pelas estimativas do órgão, enquanto a média do PIB (Produto Interno Bruto) da região crescerá 3%, no Brasil essa taxa deve ficar em 2,5% — projeção do Banco Central brasileiro é mais otimista e prevê crescimento de 2,7% ao fim do ano.

Entre as maiores economias da região, o Brasil deve ter crescimento maior que o México (1,8%) e o Chile (1,8%), mas abaixo da Argentina (4,2%), Colômbia (7,1%) e Peru (2,7%).

A previsão do PIB por si não revela outros fatores importantes das economias locais — a Argentina, por exemplo, chegou a setembro com inflação anual de 78,5% —, mas mostra a dificuldade em acelerar o crescimento econômico no pós-pandemia.

Segundo o relatório, na maior parte dos países da região o PIB e os índices de emprego estão no mesmo nível pré-pandemia, com sistemas bancários sólidos e encargos da dívida administráveis. O cenário previsto pelo Banco Mundial agora é mais positivo do que a previsão feita em abril, quando a Guerra na Ucrânia estava mais aquecida e a instituição esperava que a América Latina crescesse 2,3%.

Para o ano seguinte, a previsão é menor. O Brasil deve crescer 0,8% em 2023, segundo o estudo, metade da média regional, de 1,6% — o BC aponta crescimento de 2,5% no ano que vem. Já em 2024, a previsão é que o Brasil veja seu PIB subir 1,8%, enquanto na América Latina e Caribe o aumento esperado é de 2,3%.

Saiba mais em: Folha de São Paulo, quarta-feira 05 de outubro.

Cidades da Baixada Santista avançam na geração de emprego com quase 2 mil carteiras assinadas

A Baixada Santista gerou saldo positivo de 1.964 empregos com carteira assinada em agosto, de acordo com o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged). O número equivale a quase cinco vezes o resultado do mês anterior (julho), quando foram registrados 407 postos. Os 1.964 empregos gerados são resultado de 13.103 admissões e 11.139 demissões na região.

Santos desponta nos números, com saldo positivo de 729 empregos. A alta foi puxada pelo setor de serviços, que gerou 505 postos. Neste grupo, o setor que mais gerou vagas foi o da administração pública, com destaque para a Educação Infantil: foram gerados 31 empregos em pré-escolas e 18 em creches.

O comércio foi o segundo grupo que mais gerou empregos. O destaque ficou para o setor de comércio varejista, que registrou saldo de 110 novos vagas.

Em todo o Estado houve 638.513 admissões e 563.540 demissões, com saldo de 74.973 empregos. Por setores, a maior geração foi dos serviços, com 41.088. O comércio vem em seguida, com 14.572. A maior variação mensal foi no setor da construção, com alta de 1.15% em relação a julho. O setor teve 7.809 empregos gerados.

Saiba mais em: A Tribuna, quarta-feira 05 de outubro.

Alimentos já caem em ritmo mais lento em São Paulo

Os alimentos tiveram a sexta semana consecutiva de queda no índice de inflação da Fipe (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas), conforme dados divulgados nesta terça-feira (4).

As retrações ocorrem principalmente nos alimentos básicos, mas o ritmo de queda já perde força. No mês passado, o recuo foi de 0,22%, o menor das últimas cinco semanas.

Mesmo com as quedas recentes, os alimentos continuam pesando no bolso do consumidor, uma vez que a evolução dos preços foi muito acelerada nos últimos anos, principalmente após 2020.

Dados da Fipe, que acompanha preços semanalmente na capital paulista, indicam que os alimentos acumulam alta de 53% desde o início de 2019.

A pressão menor nas últimas semanas não deixa de ser um alívio para o consumidor de menor poder aquisitivo, uma vez que o ritmo das altas vinha sendo muito forte. O acumulado nos últimos anos e a perda de renda da população, porém, ainda deixam os alimentos fora do alcance de boa parte da população.

O café da manhã ficou mais barato em setembro. Os preços médios desses produtos, contudo, ainda estão bem distantes dos de há alguns meses. A principal queda é a do leite, que esteve 12% mais barato nos supermercados.

A Fipe mostra, porém, que, mesmo com a queda, o produto ainda acumula elevação de 37% neste ano e de 101% desde janeiro de 2019.

Os preços também caem no campo. Em setembro, o produtor recebeu 14,7% a menos pelo leite entregue à indústria. Ana Paula Negri, pesquisadora do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada) afirma que a queda ocorre, em parte, pela oferta maior de leite.

O alívio também veio para os produtos consumidos no almoço, com quedas de feijão, arroz e óleo de soja. O patamar atual de preços, no entanto, está bastante elevado, inibindo o poder de compra dos consumidores.

O acompanhamento quadrissemanal da Fipe mostra uma taxa menor de redução dos alimentos no final de setembro, em relação às semanas anteriores, o que indica que o ritmo de queda está perdendo fôlego.

Óleo de soja, que caiu 5,86% em setembro —a queda era de 7,2% na primeira quadrissemana do mês— lidera os aumentos dos alimentos, acumulando 140% desde o início de 2019.

As carnes tiveram pouca variação de preços no mês passado, mas o consumidor ainda sente o patamar elevado registrado pelas proteínas nos últimos anos.

Quem comprar um quilo de acém, considerado um corte menos nobre, vai pagar 86% a mais do que no início de 2019. Se for um quilo de picanha, a alta é de 50%, percentuais apurados pela Folha, com base em dados da Fipe.

A inflação dos alimentos, que vem castigando os consumidores, não tem muito espaço para cair neste último trimestre.

Saiba mais em: Folha de São Paulo, quarta-feira 05 de outubro.

Farmácias devem registrar menos de mil casos de Covid ainda neste mês

Os testes de Covid nas farmácias se mantiveram abaixo dos 2.000 diagnósticos positivos pela terceira semana seguida, segundo a Abrafarma, associação que reúne as grandes empresas do varejo farmacêutico.

Entre os dias 19 e 25 de setembro, foram registradas cerca de 1.200 confirmações da doença, uma queda de 27% em relação aos sete dias anteriores.

De acordo com a Abrafarma, o número representa 7% dos mais de 17 mil atendimentos feitos nas drogarias. O patamar é o menor desde a implementação dos testes nas farmácias, em abril de 2020.

A associação projeta um cenário com menos de mil casos confirmados semanalmente ainda em outubro.

Saiba mais em: Folha de São Paulo, quarta-feira 05 de outubro.